Nota sobre a floração e frutificação de *Corypha umbraculifera* L.

Carlos Toledo Rizzini[1]
Armando de Mattos Filho[2]

O presente trabalho trata da floração e frutificação da palmeira monocárpica Corypha umbraculifera *L., introduzida no Jardim Botânio do Rio de Janeiro.*

[1,2] *Pesquisadores do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e bolsistas do CNPq.*

Trabalho concluído em março de 1982.

Durante o mês de maio de 1980, observamos um fenômeno, digno de registro, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Floresceu a palmeira monocárpica *Corypha umbraculifera* L., uma planta exótica introduzida neste Jardim.

A espécie, que alcança avançada idade (cerca de 52 anos no presente caso), só frutifica uma vez (por isso diz-se monocárpica). Em conexão com o fato, diferentemente do geral, ela apresenta inflorescências terminais, após cujo desempenho não se segue aparecimento de meristema terminal.

Os vários exemplares observados em flor encontravam-se, então, nas proximidades do extinto Horto Florestal, precisamente na margem do caminho interno do Jardim Botânico para o Horto. Foram eles identificados pelo botânico João Geraldo Kuhlmann, que confirmou o binômio fitológico mencionado nesta nota. Deve notar-se que nem todos os exemplares floresceram, restando alguns que podem garantir a permanência da espécie.

A palmeira alcança magna altura, exibindo folhas flabeliformes, avantajadas, que no conjunto exibem grande beleza. No fastígio da floração, quando a copa se cobre de enormes inflorescências, embora de curta duração de um amarelo-pálido, sua beleza é ainda maior (figura 1). As flores, em número incalculável, caem cobrindo completamente o chão. Elas são diminutas e constam de um crasso pedicelo com 2-3mm de comprimento, três sépalas arredondado-apiculadas, seis estames, cujos filetes triangulares são muito largos e coalescentes na base (nitidamente monadelfos), sendo as anteras versáteis voltadas para cima, em conjunção com volumoso ovário súpero central e trígono, do qual o estilete se mostra apicalmente trilobulado; sob o ovário ocorre delgado disco anular. As anteras são finas e não revelam qualquer vestígio de grãos polínicos.

No curso da frutificação (setembro para outubro), a inflorescência alcança 3,30m de comprimento e 0,11m de diâmetro basal. Apresenta por vezes 23 cachos partindo de bainhas, inseridas ao longo do eixo. As flores e os frutos são pedicelados. Em 25 de fevereiro de 1981 desprendeu-se um desses cachos, que tinha 65kg de frutos. Em dez contagens verificaram-se 50 frutos por quilo, em média. Outra inflorescência chegou a medir 3,50m e englobava 26 cachos (figura 2). O eixo da inflorescência, desprovido dos frutos, pesou 30,500kg. O conjunto pesou 111,200kg.

Figura 1
Corypha umbraculifera L. Exemplar em plena floração.

Figura 2
Corypha umbraculifera L. No ápice da frutificação.

Figura 3
Corypha umbraculifera L. Cacho isolado já sem os frutos.

Quanto ao peso dos frutos, 1.000 deles atingiram 20,700kg e individualmente os frutos mantiveram o peso entre 22,5 e 32g, ficando o diâmetro entre 30 e 40mm. A semente descascada e lavada alcançou peso de 8,5-11g e diâmetro entre 17-26mm.

Tais bagas assemelham-se, na forma, a nozes. O mesocarpo e o epicarpo alcançam 3-7mm de espessura. Eliminados por raspagem, surge a semente esférica e parda, muito rígida, que apresenta uma depressão apical. Internamente, a semente tem aspecto córneo e alvacento, sendo igualmente duríssima. Na porção superior, há uma depressão ou poro que é uma cavidade superficial onde se aloja o embrião alvo, mole e triangular, o qual não ultrapassa 3mm de comprimento. A porção central espermática é cavitária e vazia. Segue-se que o embrião não está ocluído na pétrea massa seminal. Sua germinação não há de ser entravada mecanicamente, conforme pareceria à primeira vista. A capa de tegumento que reveste a semente e, pois, que fecha a câmara embrionária, é bem macia. O endocarpo é delgado e de cor acastanhada. O pericarpo entra em putrefação e amolece ao atingir o fastígio da maturação, libertando a semente, mais ou menos em fins de janeiro do ano seguinte.

A palmeira é originária da Índia, mas cresce bem no Rio de Janeiro. O fato aqui assinalado sucedeu, ainda, no Jardim Botânico, com outra espécie semelhante, a *Corypha taliera* Roxb. (Rizzini e Mors, 1966).*

* MORS, W.B. & RIZZINI, C.T. *Useful plants of Brasil.* Holden — Day Inc., San Francisco, 166p. 1966.